TEOCON
REVISTA TEOLOGIA CONTEXTUAL

DOI: 10.59771/teocon.2025v1.e025012

A interseção entre inovação, criatividade e teologia

The intersection between innovation, creativity and theology

Israel de Alcântara Braglia[1]

https://orcid.org/0009-0002-6613-2252

Resumo: O presente artigo-ensaio apresenta a interseção entre criatividade, inovação e teologia, destacando um campo multidimensional que vai além das práticas convencionais e oferece uma reflexão sobre a criação e a expressão humana. A conexão entre o Espírito Santo e a criatividade sugere que esta é uma característica da natureza divina, refletida na capacidade humana de criar e transformar. Dessa forma, a criatividade é vista como uma expressão da conexão com Deus e da Sua ação contínua no mundo. O artigo argumenta que a inovação e a expressão artística podem ser entendidas como meios de engajamento espiritual, refletindo a natureza criadora de Deus. A arte, nesse contexto, é concebida como um veículo para manifestar e revelar a Sua Presença na criação. Conclui-se que a interseção entre criatividade, inovação e teologia oferece uma compreensão mais abrangente da própria criatividade, incentivando sua exploração como uma forma de colaboração com a ação e manifestação do Espírito Santo de Deus.

Palavras-chave: Criatividade; Teologia; Espírito Santo.

Abstract: This essay-article presents the intersection of creativity, innovation, and theology, highlighting a multidimensional field that goes beyond conventional practices and offers a reflection on human creation and expression. The connection between the Holy Spirit and creativity suggests that it is a characteristic of the divine nature, reflected in the human ability to create and transform. Thus, creativity is seen as an expression of the connection with God and His continuous action in the world. The article argues that innovation and artistic expression can be understood as means of spiritual engagement, reflecting God's creative nature. In this context, art is conceived as a vehicle to manifest and reveal His Presence in creation. It concludes that the intersection of creativity, innovation, and theology offers a broader understanding of creativity itself, encouraging its exploration as a form of collaboration with the action and manifestation of the Holy Spirit of God.

Keywords: Creativity; Theology; Holy Spirit.

[1] Pós-doutorado – FTSA, Departamento de Design e Expressão Gráfica – UFSC - E-mail. israel.braglia@ufsc.br

Introdução

A relação entre criatividade, inovação e teologia oferece um campo de reflexão que ultrapassa a mera prática e adentra as esferas do pensamento e do espírito. Enquanto a criatividade e a inovação podem ser associadas à produção de novas ideias e à aplicação de soluções inéditas em diversos campos, sua interseção com a teologia pode propor uma abordagem mais tênue, na qual o processo criativo e inovador é visto não apenas como um ato de fazer, mas como uma expressão de significados multiformes. Nesse contexto, a teologia tende a oferecer uma perspectiva que enriquece a compreensão da criatividade, não como um fim em si mesma, mas como um reflexo da capacidade humana de se conectar com Deus que, por intermédio do Seu Santo Espírito, pode transformar o mundo ao redor. A visão teológica proposta neste artigo-ensaio é de que a criatividade é uma extensão da ação do Espírito Santo e sugere que a inovação e a expressão artística são formas de participar do plano celestial e de refletir a natureza criadora de Deus. A arte, portanto, não é apenas uma forma de expressão humana, mas uma maneira de revelar a presença e a ação de Deus na criação. Este discurso, portanto, convida à contemplação da criatividade e da inovação como atos de transcendência, que vão além do pragmatismo e se enraízam em fundamentos espirituais e teológicos.

Da criatividade e da inovação

A criatividade tem sido objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, sendo amplamente discutida por cientistas, inventores, designers, engenheiros, filósofos, teólogos, músicos, poetas e artistas. No século XX, com o avanço das Ciências da Cognição, o tema passou a ocupar um papel central nas pesquisas acadêmicas, resultando no desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas voltadas à sua compreensão. Entre os principais estudiosos do assunto, destaca-se Joy Paul Guilford (1897-1987), que introduziu o conceito de pensamento divergente como um elemento fundamental do processo criativo. Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021), por sua vez, elaborou a teoria do *flow*, que descreve um estado mental de imersão profunda associado ao aumento da criatividade e da produtividade. Howard Gardner (1943-) contribuiu para os estudos ao desenvolver a Teoria das Inteligências Múltiplas, na qual a criatividade é abordada como um aspecto essencial do desenvolvimento cognitivo em diferentes áreas. Edward de Bono (1933-2021) formulou o conceito de pensamento lateral, um método voltado para a solução inovadora de problemas, enquanto Robert Sternberg (1949-) estruturou a Teoria Triárquica da Inteligência, que inclui a criatividade como um dos seus princípios fundamentais. No campo da inteligência artificial e das ciências cognitivas, Margaret Boden (1943-) dedicou-se à investigação do pensamento criativo e suas aplicações na computação. Além desses teóricos, filósofos como Jean-Paul Sartre (1905–1980), Henri Bergson (1859-1941) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) contribuíram para as discussões sobre a criatividade

ao analisar seus aspectos metafísicos, epistemológicos e linguísticos. Ademais, a criatividade tem sido um tema recorrente nas reflexões teológicas, nas composições musicais e nas expressões artísticas, sendo um elemento estruturante na produção do conhecimento em diferentes domínios.

A Ciências da Cognição[1] é, portanto, um campo que relaciona o tema sobre criatividade a uma ampla gama de processos cognitivos, incluindo atenção, memória, aprendizagem, inteligência, percepção, emoção, subjetividade e linguagem. Embora a criatividade ainda não possua uma definição universalmente aceita, é comumente compreendida como a capacidade humana de gerar ideias ou produtos novos a partir de experiências prévias.

Beccaria e Henry (apud Champlin, 2002), autores de referência no campo, postulam que a criatividade depende de uma inspiração ou acaso, ocorrendo quando um indivíduo transcende suas capacidades normais para produzir algo inspirado e nobre. Segundo esses autores, esse processo pode ser psíquico ou metafísico, pessoal ou extra pessoal, particular ou coletivo. Independentemente disso, há seis décadas, o psicólogo Abraham Maslow (1908-1970) caracterizou os indivíduos como expressões criativas. Tal generalização pode, a princípio, parecer inusitada, uma vez que o senso comum tende a conceber a criatividade como uma capacidade quase sacralizada, presente em poucas pessoas que, presumivelmente, a possuem inata desde o nascimento. No entanto, pesquisas recentes têm corroborado de forma crescente a afirmação de Maslow, demonstrando que todas as pessoas possuem potencial criativo, embora ainda persista a crença de que essa capacidade possa se manifestar em diferentes escalas (Vanzin; Ulbricht, 2011).

Ao longo da história e conforme o senso comum, este tema tem sido visto como um dom excepcional reservado a poucas pessoas “brilhantes”. Carl Gustav Jung (1865-1961), na primeira metade do século passado, mesmo sem possuir o conhecimento neurofisiológico dos hemisférios cerebrais, identificou que a atividade mental humana opera por meio de duas funções distintas: o pensamento dirigido e o pensamento de fantasia. O pensamento dirigido baseia-se na realidade e se manifesta por meio do uso da consciência, enquanto o pensamento de fantasia emprega imagens combinadas com emoções e intuições, nas quais as regras da lógica, da física e os preceitos morais não se aplicam. De acordo com Samuels, Shorter e Plaut (apud Ulbricht, Vanzin e Zandomeneghi, 2011), os conceitos de pensamento de fantasia e pensamento dirigido propostos por Jung podem ser comparados, respectivamente, ao processo primário e secundário descritos por Freud. No processo primário, as atividades são uma extensão dos instintos amorais e são governadas pelo princípio do prazer, enquanto o processo secundário é regido pelo princípio da realidade racional, lógica e verbal. A partir dessa perspectiva, entende-se que os hemisférios cerebrais, cada um responsável por

[1] Neste contexto, a ciência da cognição é entendida como um campo interdisciplinar que integra diversas disciplinas, como neurociência, linguística, psicologia cognitiva, inteligência artificial, ciência da computação, entre outras.

coordenar as ações do lado oposto do corpo, atuam em conjunto de tal forma que o resultado final de suas atividades aparenta ser o produto de uma mente única (Vanzin; Ulbricht, 2011).

Pesquisas têm permitido mapear as características dos hemisférios cerebrais, direito e esquerdo, as quais, de acordo com Lubart (2007), Demasi (2003) e Wechsler (1998), podem ser sintetizadas da seguinte forma:

O hemisfério cerebral esquerdo possui as seguintes características:	Por outro lado, o hemisfério cerebral direito apresenta as seguintes características:
1. Racional – Realiza conclusões racionais com base nos dados disponíveis. 2. Lógico – Baseia suas conclusões na lógica. 3. Linear – Processa informações seguindo uma sequência de ideias até alcançar uma solução final. 4. Analítico – Decifra informações de maneira sequencial e fragmentada, com foco nos detalhes. 5. Simbólico – Utiliza símbolos, como números e letras, para representar conceitos. 6. Abstrato – Usa fragmentos de informações para representar a totalidade de um objeto ou conceito. 7. Temporal – Ordena eventos cronologicamente com habilidade. 8. Não espacial – Tem dificuldade em lidar com as relações espaciais entre objetos e seus agrupamentos. 9. Verbal – Domina o uso de palavras e outras formas de linguagem para compreender, comunicar e descrever conceitos. 10. Baseado na realidade – Foca em fatos e causas, desconsiderando o que não é factual.	1. Holístico – Percebe e compreende o todo, reconhecendo padrões gerais e a partir deles pode alcançar diferentes conclusões. 2. Sintético – Integra informações para captar a totalidade de uma situação complexa. 3. Orientado à fantasia – Lida com expressões artísticas, como canto, música, figuras e padrões, e demonstra sensibilidade para as cores. 4. Intuitivo – Realiza reconhecimentos e conclusões com base em padrões incompletos, intuições, sentimentos e imagens visuais. 5. Emocional – Está intimamente ligado a sentimentos e emoções. 6. Espacial – Estabelece relações espaciais entre objetos, formando um todo coerente. 7. Atemporal – Não utiliza a cronologia nas relações que estabelece. 8. Concreto – Relaciona as coisas tal como são no momento presente. 9. Não-racional – Atua sem julgamento racional, não necessitando de informações ou fatos reais. 10. Não-verbal – A percepção e a relação entre as coisas ocorrem sem o uso de palavras. 11. Analógico – Opera eficientemente com metáforas, identificando similaridades entre diferentes domínios.

Quadro 01: os hemisférios cerebrais direito e esquerdo.
Fonte: adaptado de Vanzin e Ulbricht, 2010.

A análise das características dos hemisférios cerebrais esquerdo e direito revela uma divisão funcional que nos é importante para compreender a complexidade dos processos cognitivos humanos. O hemisfério esquerdo, com seu enfoque em racionalidade, lógica, e processamento linear e analítico, está ligado à manipulação de dados concretos e à aplicação de regras objetivas. Em contraste, o hemisfério direito, com suas características holísticas, intuitivas e emocionais, é mais voltado para a compreensão global, a criatividade e a percepção estética.

Esta distinção sugere que a criatividade e a inovação são produtos de uma interação dinâmica entre esses dois hemisférios, em que a capacidade de integrar o pensamento lógico e a intuição emocional pode resultar em soluções inovadoras e abordagens criativas. A compreensão dessas funções cerebrais não apenas enriquece nossa visão sobre a natureza da criatividade, mas também abre caminhos para explorar como essas capacidades podem ser potencializadas em diversos contextos, incluindo no campo da teologia.

De acordo com os autores citados e com Wechsler (1998), o hemisfério direito do cérebro é fundamental para a apreensão das ideias globais e principais dos problemas, pois lida intuitivamente com fatos e situações de forma simultânea. Essa capacidade do hemisfério direito de operar criativamente está fortemente associada à sua ampla conexão com o sistema límbico emocional (Damásio, 2003). A criatividade, entendida em sua essência, refere-se à habilidade de gerar mentalmente ideias, imagens e conceitos que não estão presentes ou de criar algo único e original com um propósito específico (Dualibi; Simonsen, 1990). Sob a perspectiva das funções dos hemisférios cerebrais, a criatividade pode ser vista como a capacidade de pensar de maneira produtiva além das normas e regras estabelecidas. Berg e Dandolini (2011), apoiados por Alencar (1997), Rogers (1986) e Vigotski (1990), demonstram que a criatividade é uma característica intrínseca ao ser humano, que depende tanto de fatores internos quanto externos, e que todos os indivíduos possuem potencial criativo.

De maneira geral, a criatividade está associada tanto à personalidade quanto às influências externas e internas, estando sempre orientada em direção ao novo e ao inédito. Em última instância, a criatividade, enquanto processo, não é meramente aleatória, mas resulta da transição da fantasia para a realização concreta. Na sociedade pós-moderna, ela se configura como um bem intangível de valor inestimável, desempenhando um papel crucial como motor de inovação e progresso. Compreender a criatividade como um fenômeno emergente de processos cognitivos conduz, indubitavelmente, a resultados cada vez mais satisfatórios e efetivos (Vanzin; Ulbricht, 2010).

A natureza do Espírito é a criatividade

Ao realizar uma revisão sistemática sobre o tema da criatividade, encontramos uma gama de pesquisadores proeminentes que tem contribuído significativamente para

o entendimento deste conceito, incluindo Carr (1997), Lubart (2007), Ostrower (1996), Predebon (2005), Teixeira (2002), Antunes (2000), Boden (1999), Ulbricht, Vanzin e Zandomeneghi (2011), entre outros. A investigação sobre criatividade ultrapassa as limitações temporais, englobando uma variedade de perspectivas históricas e teóricas ao longo dos períodos. Platão (428-348 a.C.) (apud Postman, 1994), por exemplo, sugeriu que a criatividade se originava de uma inspiração divina. Sigmund Freud (1930) conceituou a criatividade como um processo de sublimação, no qual o sublimado emergia em novas formas de expressão. Alfred North Whitehead (1929) via a criatividade como uma categoria fundamental e argumentava que o universo está continuamente envolvido em um processo de avanço criativo, momento a momento.

Por sua vez, Vladimir Nikolaievich Lossky (2004) considerava a criatividade uma característica compartilhada por Deus e pelo ser humano. Nicolai Alexandrovitch Berdyaev (1948) argumenta que a autocriação é um atributo compartilhado tanto por Deus quanto pelo ser humano, enfatizando a liberdade como elemento essencial da existência e do desenvolvimento espiritual. De acordo com Berdyaev (1949), a semelhança entre o homem e Deus, o Criador, implica que o ser humano também possui uma capacidade criativa. Ele sustentava que a criação emerge do nada e que a liberdade humana é uma forma de autocriação que completa a obra do Criador. Berdyaev argumentava que o mal surge da liberdade, sendo sua forma degenerada, mas que a criatividade autêntica é orientada pelo amor. Ele afirmava que o egoísmo, que degrada a liberdade, pode ser superado pela tragédia da cruz. Podemos entender que, para Berdyaev, a criação é um processo contínuo que caracteriza tanto Deus quanto o ser humano, e a satisfação e o sofrimento são componentes essenciais desse processo. Em sua obra *The Divine and the Human*, ele afirma: “The creation of the world is not only a process which moves from God to humanity. God demands newness from humanity; God awaits the works of human freedom.”; em tradução livre: “A criação do mundo não é apenas um processo que vai de Deus para a humanidade. Deus exige novidade da humanidade; Deus aguarda as obras da liberdade humana” (Berdyaev, 1949, p. 53).

A partir das reflexões de Berdyaev, é possível discernir que os conceitos de “criatividade” e “liberdade” podem estar associados. A criatividade emerge como um processo de expressão livre e desimpedida. *Elohim*[2], como o Deus Criador, manifesta Sua glória ao ser humano por meio da Sua Criação. Deus, sendo Espírito, está presente onde há liberdade, e a criatividade constitui a essência fundamental do Espírito:

> Pois em Cristo foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, tanto as visíveis quanto as invisíveis, sejam tronos, soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele (Cl 1:16 – ARA).

[2] Termo hebraico citado na Bíblia Hebraica (*Tanakh*) e é utilizado para se referir a Deus.

O Livro de Gênesis, em seu primeiro capítulo, já nos introduz à presença deste Espírito. De acordo com Russel Shedd (1998), a visão impressionante e até aterradora do estado primordial da criação visível é suavizada pela proclamação majestosa de que o poderoso Espírito de Deus se move sobre a criação. Esta declaração precede as palavras criadoras proferidas por Deus para a formação do mundo. O Espírito de Deus estava ativamente envolvido na criação, e Seu poder criador permanece em ação até os dias atuais.

Sobre o Espírito de Deus, Chan (2010) o descreve como uma pessoa, não meramente como um "poder" ou uma entidade vaga. Ele é Deus, Santo e eterno, possuindo uma mente própria e intercedendo por nós, com emoções, vontades e desejos próprios, sendo onipotente, onipresente e onisciente. Sua atuação visa glorificar Cristo (Jo 16:14), e é por meio d'Ele, para Ele e por Ele que todas as coisas existem (Rm 11:36).

O Espírito Santo representa a herança de Cristo para a Terra e, como Deus, é o canal primordial através do qual o próprio Deus se revela ao ser humano (2Sm 23:2). Ele é a essência da ação sobrenatural dos céus na Igreja.

Conforme MacArthur (2010), o Espírito Santo desempenha papéis multifacetados: atua no batismo (1Co 12:13), serve como fonte de auxílio para os desamparados (Jo 14:16), convoca a Igreja ao ministério (At 13:2-4), concede poder (Êx 31:2-3), ensina (Jo 14:26), e é responsável pela escolha do governo eclesiástico (At 20:28). Além disso, Ele é a fonte de comunhão com Deus (2Co 13:13), distribui dons espirituais (1Co 12:4-11), promove a liberdade (2Co 3:17-18), concede poder (Ef 3:16), e fomenta a unidade (Ef 4:3-4). O Espírito Santo também guarda (2Tm 1:14), habita (Rm 8:9-11), ilumina (1Co 2:10-13), intercede (Rm 8:26-27), preenche (Lc 4:1), produz frutos (Gl 5:22-23), provê caráter espiritual ao homem (Gl 5:16), regenera (Jo 3:5-6), restringe o pecado e convence o homem do pecado (Jo 16:8-10), santifica (Rm 15:16), sela (2Co 1:22), e atua como garantia para todo cristão (2Co 1:22; Ef 1:14).

O Espírito Santo foi outorgado à Igreja no Pentecostes, como descrito em Atos 2, e continua a operar com poder na vida da Igreja. Seu trabalho não se limita ao âmbito religioso; Ele também inspira sonhos e revela mistérios não apenas a profetas e mestres, mas também a artistas, inventores e inovadores – aqueles que se dedicam à exploração e criação. Segundo Drucker (1987), a inovação é uma ferramenta crucial para empreendedores, constituindo um processo pelo qual eles utilizam a mudança como uma oportunidade para oferecer serviços distintos. O pensamento criativo é caracterizado pela sua desinibição, subjetividade e fluidez, em contraste com o pensamento reflexivo, que é estruturado, impessoal e formalista (Kneller, 1999). Dessa forma, o Espírito Santo pode influenciar significativamente a criatividade e inovação na ação humana.

Joyner (2007) observa que, na Bíblia, os artistas foram frequentemente os primeiros a serem cheios com o Espírito Santo. No Antigo Testamento, encontramos

menções de que o Espírito Santo desceu sobre indivíduos, como em 2 Crônicas 15:1 e 2 Crônicas 24:20. No entanto, Bezalel é o primeiro a quem se atribui ser "cheio do Espírito" em Êxodo 31:1-5, destacando a influência do Espírito Santo na criação artística e na inovação.

> O Senhor falou a Moisés, dizendo: 'Eis que nomeei Bezaleel, filho de Úri, filho de Hur, da tribo de Judá. Eu o preencherei com o Espírito de Deus, concedendo-lhe sabedoria, entendimento, conhecimento e toda habilidade para executar trabalhos diversos. Ele será capacitado para criar obras artísticas em ouro, prata e bronze, bem como para cortar pedras para engastes e entalhar madeira, a fim de que possa realizar toda sorte de obras (Êx 31:1-5 – ARA).

Bezaleel, cujo nome significa "sob a sombra, proteção de Deus," é a primeira pessoa na Bíblia mencionada como estando "cheia do Espírito". Curiosamente, ele era um artesão, e não um sacerdote, rei ou profeta. Esta designação sublinha a importância atribuída por Deus à arte no contexto de Sua habitação, o tabernáculo, que serve como um modelo profético para Sua igreja, descrita como o "tabernáculo não feito por mãos" (Hb 9:11). A construção do templo por Salomão, que foi ainda mais notável em termos de excelência artística, reforça a significância que Deus atribui à arte em Sua igreja, Seu local de habitação terrena (Joyner, 2007).

Durante sua visita ao Brasil, na cidade de Belo Horizonte - MG, Kenty Henry (2007), missionário e líder de ministério de adoração, abordou o tema "o Espírito Criativo", levantando questões sobre a natureza da criatividade associada ao Espírito Santo. Ele compartilhou uma dúvida que lhe ocorreu: "Senhor, estou ensinando sobre o Teu Espírito Santo ou estou me referindo ao espírito humano em nós?" A resposta recebida foi esclarecedora: "Você está ensinando sobre ambos, simultaneamente." – disse. Assim, entendeu que Espírito Santo é identificado como o Espírito Criativo, e a criatividade é uma manifestação inerente ao espírito humano.

Corrobora a este pensamento o contexto de Êxodo 28:3 onde observamos que os artistas que colaboraram com Bezaleel também foram preenchidos com o Espírito Santo: "Falarás a todos os que são artesãos hábeis, a quem eu enchi com o espírito de sabedoria, que podem fazer as vestes de Arão, para santificá-lo, para que possa ministrar a Mim como sacerdote". Este texto revela a intenção de Deus de que a arte desempenhe um papel significativo na construção de vestes sacerdotais, destacando a importância da criatividade e habilidade artística como expressões do Espírito de Deus – o Espírito de Sabedoria.

Essa aplicação sugere uma revelação especial que pode surgir através da arte, refletindo a Sua natureza criadora. Assim, aqueles que são transformados pelo amor de Deus também são chamados a ser criativos. A criatividade, portanto, é uma característica fundamental da natureza de Deus, e os cristãos, como portadores do Espírito Santo,

deveriam ser os indivíduos mais criativos da terra. A arte inspirada pelo Espírito Santo deve ser considerada como uma forma de vestimenta espiritual para os sacerdotes do Senhor (Joyner, 2007).

Durante sua ministração, Henry (2007) afirmou que Deus possui um plano individual para cada um de Seus filhos, mantendo uma visão clara e constante desse propósito. O Espírito Criativo, segundo o ministro, opera com sabedoria e inovação, sendo a fonte de dons que foram esquecidos, negligenciados ou estagnados. No entanto, a falta de manifestação do Espírito Criativo na igreja impede a realização plena dos planos divinos para Seus filhos. Este Espírito é o que nos capacita a alcançar "novas alturas", guiando-nos através dos projetos de Deus e conduzindo-nos ao "cume do monte", em alusão ao indicativo salmista.

Historicamente, a igreja desempenhou um papel importante na custódia e promoção da arte, com muitas das grandes obras artísticas sendo encomendadas por instituições eclesiásticas. A preservação e o desenvolvimento da criatividade artística foram, portanto, fundamentais para a expressão e realização dos propósitos celestiais.

Em suma, a revitalização do Espírito Criativo dentro da igreja é essencial para desbloquear o potencial pleno dos dons e talentos dados por Deus. Este Espírito não apenas enriquece a vida espiritual, mas também impulsiona a igreja a cumprir sua missão de refletir a beleza e a criatividade de Deus no mundo. A reapropriação da criatividade e da inovação, guiadas pela sabedoria divina, pode restaurar a vitalidade e a relevância da arte na expressão da fé cristã.

A igreja e a arte

No artigo "O Espírito Santo e as Artes", Joyner (2007) examina a relação entre a igreja e a arte, argumentando que, conforme a igreja se desviou de sua devoção pura ao Senhor ao longo do tempo, a arte comissionada por ela também sofreu desvios significativos. Historicamente, a arte tem sido uma forma primordial de comunicação, utilizada para transmitir mensagens que moldam e direcionam as culturas. O estado de uma cultura pode ser discernido através de sua produção artística, que possui um papel profético tanto para o bem quanto para o mal.

Joyner (2007) destaca que a dedicação dos nazistas à arte e a autorrepresentação de Hitler como artista não foram meras coincidências. A música de Wagner (1845), por exemplo, foi instrumentalizada para intensificar o fervor nazista e avançar seus objetivos nefastos. Da mesma forma, a arte influencia profundamente a alma humana, podendo moldar o curso de nossas vidas de maneiras positivas ou negativas.

A arte, além de ser um meio fundamental de adoração, possui um poder singular de capturar a atenção, a imaginação e o coração das pessoas. Sua capacidade de direcionar as nações muitas vezes supera a de exércitos ou armas. A eficácia da arte em influenciar e guiar sociedades reforça sua importância na esfera espiritual e cultural,

sublinhando a necessidade de uma consciência crítica sobre como a arte é utilizada e apreciada dentro e fora da igreja (Joyner, 2007).

Lacan, em sua análise na obra *Ética da Psicanálise* (1992), incita-nos a observar os "velhos sapatos de Van Gogh" — ou, mais especificamente, as botinas do artista, conforme Heidegger (1886) as descreveu — como um exemplo de beleza transcendente. Ele nos desafia a imaginar essas botinas ganhando vida em sua incomensurável qualidade estética, sugerindo que a verdadeira beleza reside na capacidade de visualizar e sentir o objeto artístico em um nível mais profundo e emocional, além de sua mera existência física.

Essa perspectiva lacaniana encontra ressonância na capacidade humana de criar e imaginar. Nossa habilidade criativa nos permite visualizar e experimentar a essência das "botinas de Van Gogh" sem nunca ter tido contato físico com elas. A criatividade, nesse contexto, emerge como um reflexo da interação do homem com sua própria alma (Fialho, 2011). A individualidade e a criatividade são vistas como reflexos da diversidade intrínseca à Criação de Deus, que se manifesta em cada floco de neve único, cada árvore e folha distintas, e cada ser humano individual.

Deus, em Sua infinita sabedoria, criou um mundo repleto de diversidade e beleza, evidenciando Seu amor pela criatividade. Cada aspecto da criação, desde as formas naturais até a complexidade do ser humano, revela uma arte sublime que não deve ser adorada em si mesma, mas que serve para nos conduzir ao Criador. A arte, portanto, não é um fim em si mesma, mas um meio de elevar nossos corações e expressar gratidão, conforme afirmado no Salmo 100:4. Ela utiliza a criação como um veículo para nos aproximar do Criador, destacando que a verdadeira adoração é dirigida a Deus, não à obra de Sua criação.

Sigmund Freud (1930) postula que a arte é a realização do desejo, considerando-a uma manifestação das volições originadas na libido, força instintiva fundamental da vida. Segundo Freud (1930), a arte se torna, portanto, uma via de expressão para os impulsos inconscientes e desejos reprimidos. Por outro lado, Dewey (1859-1952) conceitua a arte como uma expressão da experiência humana, destacando a interação dinâmica entre o indivíduo e seu ambiente, que é mediada pela percepção estética. De acordo com Dewey (2010), a arte é uma experiência que se faz por meio da integração da emoção e da razão na prática cotidiana. Já Tolstoy (1828-1910) vê a arte como uma expressão das emoções, argumentando que a verdadeira arte é aquela capaz de transmitir os sentimentos mais elevados e nobres da humanidade, como exposto em sua obra *O que é arte?* (2017).

Diversos filósofos têm destacado o aspecto espiritual da estética, reconhecendo que a arte pode proporcionar vislumbres da vida interior do ser humano, refletindo as qualidades e necessidades da alma, bem como uma apreciação de princípios espirituais. Em sua essência, a arte não apenas reflete estados metafísicos, mas também está

intrinsecamente ligada a eles, oferecendo uma perspectiva sobre as dimensões mais profundas da existência humana.

"O futuro da arte é a perversão"[3]: tal declaração pode ser interpretada como uma profecia das intenções malignas. Observando o desenvolvimento da arte desde os períodos da arte clássica até a arte moderna, cinematográfica e musical, pode-se argumentar que essa previsão parece estar se concretizando. Contudo, é essencial reconhecer que a arte, em sua essência, pertence a Deus e que Ele reverterá essa tendência. A arte, como forma fundamental de profecia, está destinada a ser restaurada. Haverá um surgimento de uma nova beleza e unção sobre uma geração de artistas santos, cuja arte profética dissipará a neblina atual, assim como o sol dissipa a névoa matinal (Joyner, 2007).

Na parábola do Trigo e do Joio, descrita em Mateus 13:39, o Senhor afirma que "a colheita é o fim dos tempos". Jesus ordena que o trigo e o joio cresçam juntos até a maturidade, alertando que tentar separar o joio do trigo antes do tempo poderia resultar na destruição do trigo. Este princípio se aplica à arte contemporânea, onde tanto a escuridão quanto a luz estão atingindo a maturidade. A escuridão, visível em várias expressões artísticas, está alcançando sua plenitude, mas a luz também está emergindo com força. A luz, sendo intrinsecamente mais poderosa, prevalecerá sobre a escuridão, como a luz de uma casa que não permite a entrada da escuridão ao abrir suas venezianas à noite.

Estamos próximos ao fim dos tempos, um período de maturidade plena onde a luz liberada através da arte será sem precedentes. No entanto, isso não implica que a luz será mais popular do que a escuridão. Como registrado em João 3:19, a humanidade historicamente prefere as trevas à luz. Apesar disso, Deus demonstrou misericórdia ao enviar Seu Filho e continuará a oferecer Sua luz em tempos de escuridão. É nossa responsabilidade, portanto, não forçar a visão da luz sobre os outros, mas viver e revelar a luz de forma fiel.

Joyner (2007) argumenta que atualmente há um movimento dentro da igreja visando a recuperação da arte como um componente central da adoração. Este fenômeno não se limita exclusivamente aos indivíduos que são batizados no Espírito Santo ou que se identificam como buscando ser "cheios do Espírito". Aqueles que verdadeiramente experimentam o enchimento do Espírito Santo inevitavelmente demonstrarão uma criatividade que é intrínseca à natureza do Espírito, a qual transbordará em suas obras. O reconhecimento de que aqueles que conhecem profundamente o Criador tendem a ser os mais criativos no planeta é uma observação central de Joyner (2007).

[3] A frase "o futuro da arte é a perversão" é associada ao artista francês Marcel Duchamp (1887-1968). Duchamp, um dos principais nomes do dadaísmo, desafiou as convenções tradicionais da arte e acreditava que ela deveria se afastar de qualquer moralidade ou valor convencional. Sua visão de arte como algo transgressor e subversivo reflete a ideia de "perversão", que questiona normas estabelecidas. Embora não seja possível encontrar a frase exata em fontes primárias, a ideia de que a arte desafia a moralidade e as normas tradicionais é uma característica central no pensamento de Duchamp e de outros artistas do dadaísmo e surrealismo.

É imperativo, no entanto, que os artistas se dediquem profundamente a adorar o Senhor através de sua arte, em vez de adorar a arte como um fim em si mesma. Na prática artística, existem perigos potenciais de desviar-se para dois extremos: a idolatria da arte, que pode ser vista como uma forma de anarquia, e um legalismo restritivo, que pode inibir a expressão artística genuína. A habilidade de navegar entre esses extremos é importante para manter o equilíbrio e assegurar que a arte permaneça viva e relevante.

A palavra hebraica mashach, que significa "ungir", é definida como "esfregar com óleo ou tinta" (Strong, 1995, p. 48). Essa definição sugere a presença de uma unção do Espírito que se reflete tanto na arte quanto na prática ministerial. O Antigo Testamento revela que a arte foi concebida com um propósito elevado, especialmente em contextos de adoração.

Joyner (2007) também destaca que, de acordo com Joel 2 e Atos 2, o derramamento do Espírito Santo está associado à profecia. A arte, como meio primário de profecia, tem o potencial de antecipar e refletir as tendências culturais. Assim, a igreja deve manter uma devoção especial à arte, pois é chamada para ser a luz do mundo, iluminando o caminho para a verdade. Quando a igreja segue a orientação do Espírito, cristãos proféticos podem emergir como líderes em todos os campos artísticos.

Historicamente, desde o tempo em que Deus concedeu a Bezaleel habilidades artísticas especiais, não houve uma manifestação similar do Espírito na mesma magnitude. A arte mais sublime é aquela dedicada ao propósito mais elevado, que é construir a morada de Deus. A arte que é criada como uma forma de adoração a Deus sempre será mais grandiosa do que a arte produzida para o homem. Embora a arte possa agradar e edificar o ser humano, seu verdadeiro valor e propósito estão na adoração e no serviço a Deus.

É evidente que o Senhor deseja compartilhar Sua criatividade com Seu povo. De acordo com a natureza fundamental da Nova Aliança, não é necessário ser perfeito para se aproximar da presença de Deus; em vez disso, somos aperfeiçoados ao entrar em Sua presença. À medida que nos aproximamos de Deus, experimentamos uma transformação em nossa pureza e limpeza, o que se reflete também em nossa arte.

Considerações Finais

A espiritualidade, a expressão religiosa e a teologia, embora estejam relacionadas, possuem diferenças significativas. A espiritualidade envolve a experiência pessoal e subjetiva do indivíduo em relação ao que é transcendente, caracterizando uma vivência interna que busca significado e se conecta a algo superior, muitas vezes sem vínculos com estruturas institucionais. A expressão religiosa, por sua vez, diz respeito às manifestações externas dessa vivência, como rituais, símbolos e comportamentos, normalmente compartilhados em comunidade e representando a prática coletiva

da fé. A teologia é uma área acadêmica que se dedica ao estudo sistemático das questões religiosas, com o propósito de entender, interpretar e estruturar de maneira racional as crenças e doutrinas associadas ao que é considerado superior, oferecendo explicações sobre a natureza desse ser superior e suas implicações para a humanidade. Dessa forma, enquanto a espiritualidade diz respeito à vivência pessoal e reflexiva, a expressão religiosa envolve manifestações coletivas da fé, e a teologia é voltada ao estudo rigoroso desses assuntos. A análise do papel da criatividade e da arte no contexto da espiritualidade e da expressão religiosa revela uma forte interseção entre o humano e o transcendente. De acordo com a abordagem de Joyner (2007) e as reflexões de pensadores como Freud, Dewey e Tolstoy, a arte vai além de uma mera forma de expressão estética, sendo também um importante meio de comunicação espiritual e profética. Nesse contexto, a arte, por meio de suas diversas formas, torna-se uma extensão da criatividade que emana do superior, capturando a beleza e a diversidade da criação.

Tal discussão enfatiza que a criatividade, como uma manifestação da presença do Espírito Santo, extrapola as fronteiras da expressão individual e se torna um meio de adoração a Deus e revelação dele. Joyner (2007) observa que, à medida que a arte evolui, especialmente em contextos contemporâneos, a importância de manter a integridade e a devoção ao propósito divino se torna eminente. A arte deve servir como um reflexo da pureza e da beleza que advêm da proximidade com Deus, destacando a necessidade de uma abordagem equilibrada que evite tanto a idolatria quanto o legalismo.

Portanto, a arte, quando inspirada e direcionada pelo Espírito Santo, não apenas enriquece a experiência espiritual, mas também serve como uma ferramenta de profecia e revelação. O desafio para os artistas e para a comunidade de fé é cultivar uma criatividade que seja fiel à essência de Deus, permitindo que a arte se torne um canal através do qual a luz divina possa se manifestar e impactar o mundo. Em última análise, a arte mais elevada é aquela que adora a Deus e promove a reconciliação dos homens com o Criador, demonstrando que a verdadeira expressão artística é um reflexo da grandeza e da beleza de Deus.

A interseção entre criatividade, inovação e teologia revela um campo rico e multidimensional, que se estende além das práticas convencionais e nos conduz a uma reflexão mais coerente sobre a natureza da criação e da expressão humana. A criatividade, entendida como a capacidade de gerar ideias novas e inovadoras, é um fenômeno complexo que envolve tanto os processos cognitivos do cérebro quanto uma dimensão espiritual do ser. A inovação, por sua vez, representa a aplicação prática dessa criatividade para transformar e melhorar a realidade ao nosso redor.

A análise dos processos cognitivos, especialmente a interação entre os hemisférios cerebrais direito e esquerdo, destaca a importância da integração entre pensamento lógico e intuição emocional na manifestação da criatividade. A criatividade, ao ser

compreendida como um produto da interação entre esses dois hemisférios, permite uma abordagem mais holística dos processos criativos. Esse entendimento não só amplia a nossa visão sobre a natureza da criatividade, mas também abre novas possibilidades para explorá-la em diversos contextos, incluindo o teológico.

A teologia, ao estudar a criatividade e a inovação como potenciais manifestações da ação do Espírito Santo de Deus, oferece uma perspectiva única que transcende o pragmatismo e se fundamenta em bases espirituais descritas nas Sagradas Escrituras. A conexão entre o Espírito Santo e a criatividade destaca a ideia de que a criatividade é uma característica inerente à natureza do próprio Deus, refletida na capacidade humana de criar e transformar. Através da teologia, compreendemos que a criatividade não é apenas um talento ou uma habilidade, mas uma expressão da conexão com o Deus Criador e uma manifestação da Sua ação contínua no mundo.

Neste artigo, a proposta teológica é que a criatividade surge como uma extensão da ação do Espírito Santo, sendo tanto a inovação quanto a expressão artística formas de participação no propósito maior de Deus e de evidenciar Sua capacidade criadora. Assim, a arte vai além de uma mera expressão humana, configurando-se como uma maneira de manifestar a presença e a ação de Deus no processo de criação.

Em conclusão, a interseção entre criatividade, inovação e teologia nos convida a considerar a criatividade não apenas como um fenômeno cognitivo ou prático, mas como uma manifestação espiritual que conecta o ser humano a Elohim, Deus criador. Essa perspectiva integrada oferece uma compreensão mais rica e abrangente da criatividade, encorajando-nos a explorar e expressar nosso potencial criativo como uma forma de refletir e colaborar com a ação do Espírito Santo no mundo.

Referências

ALENCAR, Eunice. M. L. S. *Criatividade na educação superior*: desafios e possibilidades. Petrópolis: Vozes, 1997.

ANTUNES, Celso. *Como desenvolver competências*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BERDYAEV, Nikolai Alexandrovich. *O sentido da criação*: ensaio sobre o destino do homem. São Paulo: Loyola, [1916] 1948.

BERDYAEV, Nikolai Alexandrovich. *The divine and the human*. Tradução de R. M. French. Londres: Geoffrey Bles, 1949.

BERG, Henrique; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida. Inovação e Criatividade: Fundamentos, Métodos e Práticas para a Inovação. In: ULBRICHT, Vania Ribas; VANZIN, Tarcísio; ZANDOMENEGHI, Ana Lúcia A. de O. (Orgs.). *Criatividade & Conhecimento*. Florianópolis: Pandion, 2011.

BÍBLIA Shedd. Trad. João Ferreira de Almeira. 2. ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Vida Nova, 1997.

BODEN, Margaret. A. *The creative mind*: myths and mechanisms. London: Routledge, 1999.

CARR, Alan. *Positive psychology*: the science of happiness and human strengths. London: Routledge, 1997.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado*. São Paulo: Hagnos, 1979.

CHAMPLIN, Russell Norman. (org.). *Água*. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. v. 1. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAMPLIN, Russell Norman. (org.). *Criatividade*. *Enciclopédia de Bíblia*, Teologia e Filosofia. v. 1. São Paulo: Hagnos, 2002.

CHAN, Francis; YANKOSKI, Danae. O Deus esquecido. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo. São Paulo: Vida, 2001.

DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa*: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DRUCKER, Peter F. *Inovação e espírito empreendedor*: prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.

DUALIBI, Roberto; SIMONSEN JR. Harry, O. *Criatividade & marketing*: como liberar seu potencial criativo. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.

FIALHO, Francisco Antônio Pereira. *Epistemologia e ciência*. arquivo de aula. Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC: Florianópolis, 2011.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1939. (Obras completas).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1886.

HENRY, Kent; VALADÃO, Ana Paula. *Espírito criativo*. Ministração no 6º Congresso Internacional de Louvor e Adoração Diante do Trono. [Belo Horizonte: s. n., 2007]. 1 vídeo (43 min. 49 s.). Publicado pelo canal Instituto SOS Gente. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ob5KAMkFxzY. Acesso em: 6 jun. 2025.

JOYNER, Rick. *O fardo profético*. 22 de março de 2011. Tradução de Rodrigo Rudiuk concedida por MorningStar Ministries. Disponível em: http://www.igrejadeflorianopolis.com/?page_id=110. Acesso em: dez. 2011.

JOYNER, Rick; PRUCHODKO, Andrei; PRUCHODKO, Amanda. *O Espírito Santo e as artes*. Boletim Profético, nov. 2007. Tradução de Rodrigo Rudiuk concedida por MorningStar Ministries. Arquivo do autor.

KNELLER, George. F. *A arte e a ciência da criatividade*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1999.

LACAN, Jacques. *A ética da psicanálise*: seminário, livro 7. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LOSSKY, Vladimir. N. *Teologia mística da Igreja do Oriente*. São Paulo: Paulus, 1958.

LUBART, Todd. I. *Models of the creative process*: Past, present and future. *Creativity Research Journal*, v. 19, n. 2-3, p. 125-131, 2007.

LUBART, Todd. *Psicologia da criatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MACARTHUR, John. *Bíblia de estudo John MacArthur*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

MACARTHUR, John. *O poder do Espírito Santo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio*: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

PREDEBON, José. *Criatividade*: abrindo o lado inovador da mente. São Paulo: Saraiva, 2005.

ROGERS, Carl Rogers. *Liberdade para aprender*: uma abordagem humanista da educação. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SHEDD, Russell Philip. *Chamado e os dons do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

STRONG, James. *Dicionário de Strong: concordância exaustiva da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

TEIXEIRA, Elson. A. *Criatividade:* ousadia e competência. São Paulo: Makron Books, 2002.

TOLSTOY, Leon. *O que é arte?*. 2. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.

ULBRICHT, Vania Ribas.; VANZIN, Tarcízio.; ZANDOMENECHI, Ana Lúcia. *Inovação e criatividade*: estratégias para o desenvolvimento do potencial humano. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ULBRICHT, Vania Ribas; VANZIN, Tarcísio; ZANDOMENEGHI, Ana Lúcia A. de O. (Orgs.). *Criatividade & Conhecimento*. 1. ed. Florianópolis: Pandion, 2011.

VIGOTSKI, Lev. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

WECHSLER, Solange M. *Criatividade e aprendizagem na escola*: uma experiência interdisciplinar. Campinas: Papirus, 1998.

WHITEHEAD, Alfred North. *Processo e realidade:* ensaio de cosmologia. Tradução e introdução de Maria Teresa Teixeira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2010. (Obra original publicada em 1929).